

A MORTE

DO PALHAÇO

de Raul Brandão

Historia d'um palhaço

(A Vida e o Diário de K. Mauricio)



RAUL BRANDÃO

1896

versão cénica
de João Brites

projecto de trabalho
teatro O Bando
1 de Março de 1990

edição de 1926
actualização ortográfica de 1978

PÁGINAS ESFARRAPADAS

espaço 3:
 uma oliveira, folhas
 espalhadas e só uma
 corda pendurada

personagens:
 BRANDÃO - mulher de
 cachimbo inspirada na
 Madame De Staël

BRANDÃO

A sua vida, a sua alma, ele a estatela nas páginas esfar-
 rapadas do livro que se segue e que deixou escrito. Entre a
 barafunda das notas destaca-se *A Morte do Palhaço*, roman-
 ce incompleto, e quase autobiográfico: por isso lho publico,
 juntando-lhe o que nos seus papéis encontrei com título de
 16 *Diário*.

folhas e folhas ingénuas, em que
 uma frase sentida fica, sugestiva e acuta, e de todas estas
 linhas uma fisionomia deve transparecer; de desgraçado, de
 quem afinal a gente não sabe se rir se chorar.

Alguns pedaços
 eu corto: é que há coisas que se não publicam — farsa para
 que os outros se riam, dores para que os outros sintam pie-
 dade. Lembra-me um clown que tivesse por força de fazer rir
 77 a multidão ignara. Esses corto-os e para mim os guardo;

Brandão já está a ler
 quando o público o
 descobre

CIRCO COMO UM SONHO DE PALHAÇO MORTO

espaço 2:
um pintor desenha e
pinta cenário sempre
inacabado

personagens:
PALHAÇO CIRCO - actua

PALHAÇO
CIRCO

O estupor da vida que nos encharca a alma de quimeras, para as não podermos realizar; que nos dá a imaginação — e a vida prática; que nos deixa sonhar, para depois nos atirar das estrelas à terra! E porquê? Para quê? Que crime cometi eu, Senhor, para que tu a cada momento me castigues, a cada instante me faças tropeçar e fazer parte do infinito e das 121 ruas da cidade, da Via Láctea e da multidão?...

(Eu n'esse anno, porque estivera doido, vivia n'uma cidade, construída de restos de sonho que uma ventania de loucura atirára para a planície, como nuvens aglomeradas n'um fundo violáceo de tempestade. Os meus sonhos riscavam-se a carvão, mordiam-se de delírio: umas vezes era perseguido sem piedade, como um lobo, outras eram paginas de louco, cóvas abertas subito, n'um pavor, unhas arrelhadas e berros... 2+

Subito a claridade cortára o ceu, uma claridade baça, immovel, em feixes, a allumiar metade do monte, metade do valle, deixando o resto no Nada, uma grande mancha alastrada sobre a vertente da esquerda, e a multidão apparecera, indecisa, fugidia, a borbulhar, adivinhada extensa na luz dubia, a encher toda a planície, como n'um carvão de Sequeira, e torsos contorsionados, faces arripiadas, contrações de dor, misturavam-se, a subir, a esgadanhá- se, n'uma furia de vida... E como a luz cahisse então para o fundo, toda a planície era alastrada, ruisselava da turba.) 3+

É um momento delicioso que nos deixa para sempre um nada de poeira no fundo da alma — algum pó dourado que teima em reluzir até ao fim da vida. Já o passado fica muito longe, já as figuras de apagadas mal se distinguem e ainda a poeira de sonho teima lá no fundo... É que essas horas são como a primeira flor das árvores: não há nada que as pague. Por melhores e mais conscientes amizades que mais tarde se adquiriram, nenhuma chega à dos vinte annos, quando o homem não tem interesses a defender e os sentimentos estão em pleno viço. Não há um de nós que saiba ainda o que vale a existência e todos de mãos dadas olhamos com sofreguidão e candura. É o começo delicioso duma aventura. Estamos juntos e unidos como irmãos e já sentimos o travar da separação: só mais um passo e cada um parte para o seu lado, sem ás vezes se tornar a ver.

Vadio e gema determo-nos a olhar a vida, tingida de névoa azul como certas paisagens que só são belas de longe — a vida como nunca mais nos será dado vê-la —, mas quem é que nosse ilude e calma?

Em qualquer recanto, num café, entre quatro paredes que não importam, porque, por mais denegridas que sejam, a nossa alma tem o poder extraordinário de tudo transformar, falamos ao mesmo tempo e com o mesmo entusiasmo, repartindo sonho ás mãos-cheias. É então visível e quase tangível a substância que se forma sobre as cabeças de vinte annos.

O que em nós vai secando pela vida fora está tão sensível que magoa tocá-lhe. Todos somos poetas, todos vivemos num extotamento que se parece com o amor. Todos os dias são de primavera. Ainda que o casaco esteja no fio, a gente não sabe que mudaram as estações, e a existência, mesmo numa mancha, é uma festa perpétua.

A noite cada um estatela o seu sonho diante dos outros, e aquillo é um braseiro imenso ao qual todos se aquecem. Essas horas tão curtas são extraordinárias, porque o mundo pertence-nos e só nós a quimera, que nos proteje e não sai de nunca mais, temos o céu e a terra. De dia o grupo caminha ás vezes pela rua fora, falando tão alto que toda a gente se para a ouvir e a uma vozinha de novidade e de beleza de tal forma mágica que as raparigas — em que elas nem sequer reparam porque discutem metafísica — sentem arrepios e seio ridoando que se forma, e seguem pensativas.

Outro momento e tudo isto desaparece para sempre: a vida vai-nos modificar de alto a baixo na sua forja brutal, dando-nos uma tempera mais rija e um sabor mais amargo...



CIRCO COMO UM SONHO DE PALHAÇO MORTO

espaço 2: um pintor desenha e pinta cenário sempre inacabado

personagens: PALHAÇO CIRCO - actua

PALHAÇO CIRCO

O estupor da vida que nos encharca a alma de quimeras, para as não podermos realizar; que nos dá a imaginação — e a vida prática; que nos deixa sonhar, para depois nos atirar das estrelas à terra! E porquê? Para quê? Que crime cometi eu, Senhor, para que tu a cada momento me castigues, a cada instante me faças tropeçar e fazer parte do infinito e das 121 ruas da cidade, da Via Láctea e da multidão?...

(Eu n'esse anno, porque estivera doido, vivia n'uma cidade, construida de restos de sonho que uma ventania de loucura atirára para a planície, como nuvens aglomeradas n'um fundo violaceo de tempestade. Os meus sonhos riscavam-se a carvão, mordiam-se de delirio: umas vezes era perseguido sem piedade, como um lobo, outras eram paginas de louco, cóvas abertas subito, n'um pavor, unhas arrepeladas e berros...2+

Subito a claridade cortára o ceu, uma claridade baça, immovel, em feixes, a allumiá metade do monte, metade do valle, deixando o resto no Nada, uma grande mancha alastrada sobre a vertente da esquerda, e a multidão apparecera, indecisa, fugidia, a borbulhar, adivinhada extensa na luz dubia, a encher toda a planície, como n'um carvão de Sequeira, e torsos contorsionados, faces arripiadas, contracções de dôr, misturavam-se, a subir, a esgadanhar-se, n'uma furia de vida... E como a luz cahisse então para o fundo, toda a planície era alastrada, ruisselava da turba.) 3+

É um momento delicioso que nos deixa para sempre um nada de poeira no fundo da alma — algum pó dourado que teima em reluzir até ao fim da vida. Já o passado fica muito longe, já as figuras de apagadas mal se distinguem e ainda a poeira de sonho teima lá no fundo... É que essas horas são como a primeira flor das árvores: não há nada que as pague. Por melhores e mais conscientes amizades que mais tarde se adquiriram, nenhuma chega à dos vinte anos, quando o homem não tem interesses a defender e os sentimentos estão em pleno vício. Não há um de nós que saiba ainda o que vale a existência e todos de mãos dadas olhamos com sofreguidão e candura. É o começo delicioso duma aventura. Estamos juntos e unidos como irmãos e já sentimos o travar da separação: só mais um passo e cada um parte para o seu lado, sem às vezes se tornar a ver.

Vale a pena determo-nos a olhar a vida, tingida de névoa azul como certas paisagens que só são belas de longe — a vida como nunca mais nos será dado vê-la —, mas quem é que nos ilude de assim?

Em qualquer recanto, num café, entre quatro paredes que não importam, porque, por mais denegridas que sejam, a nossa alma tem o poder extraordinário de tudo transformar, falamos ao mesmo tempo e com o mesmo entusiasmo, repetindo sonho às mãos-dadas. É contão visível e quase palpável a auréola que se forma sobre as cabeças de vinte annos.

O que em nós vai secando pela vida fora está tão sensível que nos dá a impressão de que nos vamos queimar. Todos somos poetas, todos vivemos num estonteamento que se parece com o amor. Todos os dias são de primavera. Ainda que o casaco esteja no fio, a gente não sabe que mudaram as estações, e a existência, mesmo alguma mançada, é uma festa perpétua.

À noite tudo um estateta o seu sonho diante dos outros, e apollo é um braccio immenso ao qual todos se aquecem. Essas horas são contões tão extraordinários, porque o mundo pertencendo a nós e a nós a quimera, que nos proteje e não sai do nosso lado, totem o céu e a terra. De dia o grupo caminha às vezes pela rua fora, falando tão alto que toda a gente se voltar impregnado uma atmosfera de mocidade e de beleza de lá fuma magética que as raparigas — em que elles nem sequer reparam porque discutem metafísica — sentem arfar-lhes o seio rondando que se forma, e seguem pensativas.

Outro momento e tudo isto desaparece para sempre: a vida vai-nos modificar de alto a baixo na sua forja brutal, dando-nos uma tempera mais rija e um sabor mais amargo...



COVEIROS DESENTERRAM
PALHAÇO

espaço 1:
um cemitério,
um monte de terra
e um caixão

personagens:
ANARQUISTA - coveiro 1
PITA LADRÃO - coveiro 2
PALHAÇO MÚSICO



No cemitério dois coveiros abrem um fosso. É um sítio triste, sem um cipreste, desolado e que irrita como uma alma sêcca. Um dos coveiros é enorme, ossudo, resequido, de barba dura e rara e grandes mãos. A sua sombra esguia, como um borrão tingia a terra, macabra. Cava a enxadadas
1+ espaçadas.

ANARQUISTA

—Pondo-me a scismar se vale a pena viver para todos os desgraçados, para quem desde seculos abro a cova... É uma chimera a Vida? Aspera chimera de que se sahe para a cova transido, inda n'um arripio de
1+ dôr e absorto o olhar...

músico do violino
é palhaço que também
simboliza a morte

PITA
LADRÃO

—Cava, cava e bebe-lhe... Que vale pensar?...
1+ Cavar na terra e escavar a dôr, ô burro, não é igual...

ANARQUISTA

—Que de dramas, de dôres, de illusões, de lama e de restos, a carroça não traz! Nunca pensaste diante da
1+Morte no que é a Vida?...